

O Desenvolvimento da Competência Comunicativa no Ensino-Aprendizagem de Português Europeu como Língua Não-Materna através do Trabalho com Narrativas Oraís produzidas em Situação de Interação

Armindo de Morais
Mestrando da Universidade Aberta

O objectivo central da presente comunicação é demonstrar como a análise de Enunciados Narrativos, em situação de interacção oral, permite contextualizar e co-textualizar elementos lexicais, gramaticais e discursivo-pragmáticos em função das regras do próprio género e da sua actualização enunciativa, tornando-se espaço ideal para o desenvolvimento de uma consciência plurifacetada de língua (*Language Awareness*). Para tal procedeu-se ao levantamento de um *Corpus* de Narrativas Oraís em Situação de Interação Informal a partir do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa¹. O exemplo que aqui nos serve de base surge indiciado nesse *corpus* com o código COD 1722.

Começar-se-á por vincular o trabalho com Interações Oraís a uma concepção de Competência Comunicativa Plural (Linguística, Sociolinguística, Discursiva e Estratégica). A seguir considerar-se-á a análise de um género discursivo específico dentro de uma Interação Oral como ponto de partida para o trabalho da aula de Língua Estrangeira, trabalho que será exemplificado com uma Narrativa Oral, caracterizando-a enquanto Texto e Enunciado. Após uma breve referência às variantes contextuais da interacção em que a Narrativa surge, far-se-á uma apresentação simultânea do quadro de análise e da sua aplicação. Terminar-se-á com algumas considerações gerais sobre possíveis contribuições deste tipo de análise para o Ensino-Aprendizagem de Português como Língua Não-Materna.

Partimos, assim, de uma noção de Competência Comunicativa plural (Linguística, Sociolinguística, Discursiva e Estratégica) definida enquanto um conjunto de estratégias e procedimentos que permitem ao aprendente aperceber-se do valor dos elementos linguísticos no seu contexto de uso (Widdowson, 1979: 248) e reconhe-

¹ O presente trabalho enquadra-se num estudo mais vasto realizado para a uma Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Aberta e subordinada ao tema : *O Género Narrativo Em Interações Oraís Autênticas: Contributo para o Ensino/Aprendizagem do Português Europeu como Língua Não-Materna*.

cer, para além das regularidades do sistema linguístico, as pistas pragmáticas que lhe permitem atribuir um valor aos enunciados organizados em sequências discursivas. Uma proposta de trabalho consequente para o desenvolvimento desta competência plural é orientar o estudo da língua para a análise de interações orais, mais precisamente para as “sequências previsíveis de enunciados que adquirem coerência a partir do conhecimento esquemático partilhado”² e que possibilitam a apresentação dos diferentes componentes do processo comunicativo dentro de contextos autênticos.

Uma dessas sequências de enunciados é a Narrativa, aqui considerada nas suas dimensões textual e pragmática.

- Fala-se de Dimensão Textual quando se considera a construção da narrativa enquanto Texto sequencial, cuja organização obedece a um modelo culturalmente definido e com elevado grau de canonicidade.

- Fala-se de Dimensão Pragmática quando se considera a Narrativa enquanto Enunciado determinado pela intenção da sua produção numa situação comunicativa específica, sendo os seus constituintes encenados segundo a finalidade pragmática que lhe é subjacente. Abandonam-se, assim, as fronteiras do próprio texto procurando o sentido da sua construção também no comprometimento sociocultural com o momento da enunciação.

Consideremos um subtipo de narrativa oral: a anedota, por exemplo. Como contadores de anedotas sabemos que é necessário começar por uma **ORIENTAÇÃO** do nosso interlocutor no mundo da narrativa, definindo a Situação Inicial (O QUÊ?) os Actores (QUEM?) o Lugar (ONDE?) e o Tempo (QUANDO?). Sabemos também que a seguir deverá acontecer algo que ponha em causa um ou mais aspectos desta Situação Inicial e despolete uma **INTRIGA**, isto é, uma sequência de acontecimentos orientados para um **RESULTADO FINAL**. Muitas vezes, inconscientemente, realçamos o Nó da Mudança introduzindo-o na fala de uma das personagens ou simplesmente passando a narrativa para o Presente. E no final esperamos a **AVALIAÇÃO FINAL** de todo o esforço: o riso do nosso Narratário.

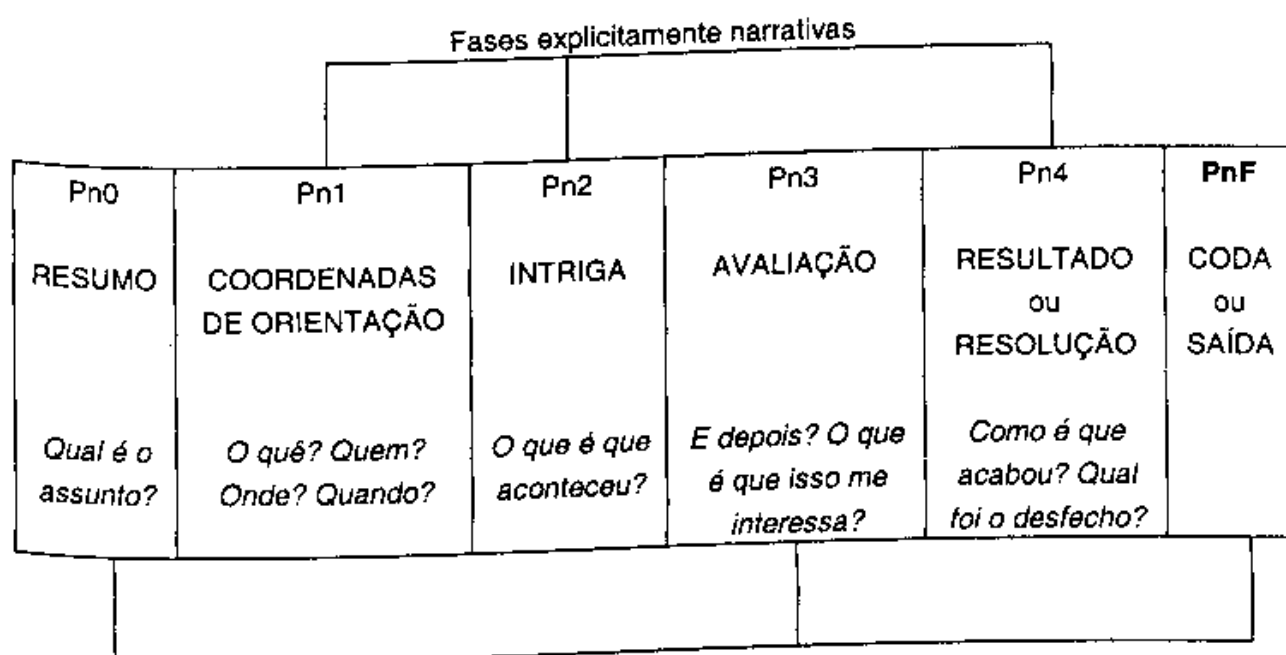
Infelizmente a experiência ensinou-nos que esta avaliação nem sempre ocorre, levando-nos a perguntar que outros elementos, para além dos construtores textuais referidos, devem estar presentes numa história de forma a que seja interpretada pelo Narratário de acordo com o propósito da narração. Questionamos, afinal, quais são os elementos que dão forma à Dimensão Pragmática da narrativa, conceito elaborado a partir dos trabalhos de Labov (1972) e que postula uma **AVALIAÇÃO** transversal a toda a construção do Enunciado Narrativo, com funções conversacionais e discursivas.

² *Certificado de Português, Objectivos de Aprendizagem e Teste-Modelo*, Frankfurt am Main, WBT, 1999, p.25

É através da Avaliação que o locutor convence o seu interlocutor da importância da história que vai narrar para a interacção em curso, fazendo jus à apropriação assimétrica do espaço da interacção (Este procedimento é identificado no texto como o **RESUMO**, sendo composto pelo Anúncio de uma possível narrativa e pela negociação de um Contrato Comunicacional que constitui ambas as partes intervenientes em Narrador e Narratário). É através da mesma avaliação que o Narrador promove uma interpretação do narrado conforme às suas intenções comunicativas. Para tal orienta a sua produção de forma a afastar possíveis dúvidas ou mal entendidos por parte do Narratário e recorre a múltiplas estratégias para realçar os momentos cruciais da história e apagar a importância de outros; É também através da Avaliação que assegura a compreensão da história como um todo significativo para a interacção em que está envolvido, procedendo a uma **AVALIAÇÃO FINAL** que, muitas vezes, é directa e explicitamente correlacionada com a situação de enunciação, procedimento que na terminologia laboviana é denominado **CODA**.

O seguinte quadro³ (Quadro 1) pretende sistematizar os elementos referidos em destaque, identificando-os como macroproposições (Adam, 1984) do discurso narrativo.

Quadro 1 – FASES DA NARRATIVA



³ O Esquema foi elaborado a partir das propostas de Labov (1974, 1977) para a análise de Narrativas Oraís e dos trabalhos desenvolvidos por J.-M. Adam (1984, 1986), J. Bres (1994), R. Carter, M. McCarthy (1994) e M. McCarthy (1998).

Partindo do pressuposto que, através da identificação de uma estrutura prototípica de construção do texto narrativo que considera os elementos avaliativos (ver quadro 1), é possível dar conta das duas dimensões que o constituem, procede-se agora à aplicação deste modelo de análise sobre uma narrativa recolhida em situação de interacção oral, pertencente ao *Corpus de Referência da Português Contemporâneo* do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

A opção pela interacção que analisaremos em seguida está relacionada com a transposição deste modelo para uma Narrativa de um Episódio Pessoal de cariz humorístico, considerando que este subtipo de narrativa é frequente no quotidiano português. Na situação de interacção temos dois intervenientes: a Narradora, X, que tem 60 anos, possui um nível de instrução equivalente a um Curso Superior e pertence ao grupo denominado como das Profissões Liberais, Técnicos e Equiparados⁴. A entrevistadora, A, que possui o mesmo grau de instrução e pertence ao mesmo grupo profissional. A conversa gira à volta das recordações de África de X. O registo da conversa é coloquial. A Narrativa surge no corpo de um enunciado dissertativo de X, que desenvolve o tema das dificuldades de ensino e retoma o tópico do comportamento dos alunos. Trata-se de um episódio exemplificativo da maneira de ser das crianças, que pretende, desde início, ser humorístico, mas que, pelas características do contexto de enunciação, deixa a Narradora insegura quanto à imagem pessoal que transmite, levando-a a um intensivo Trabalho de Face, sobretudo na Pós-avaliação.

O trabalho com o texto obedecerá ao seguinte esquema: após a apresentação da transcrição da Interacção, começar-se-á por uma análise detalhada dos componentes das diferentes Macroproposições, identificando entre *parênteses* rectos a Intervenção Linguística [IV] em causa. Em seguida, destacar-se-ão os aspectos mais relevantes da construção do Núcleo Narrativo e terminar-se-á com um levantamento dos elementos avaliativos que procuram conduzir a interpretação do Narratário.

⁴ Manteve-se aqui a categorização proposta pelas autoras do *Português Fundamental* Vol. I, Tomo I: *Vocabulário* (1984); Volume II: *Método e Documentos*, Tomo I: *Inquérito de Frequência*, Tomo II: *Inquérito de Disponibilidade*, Lisboa, I.N.I.C./C.L.U.L.

O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA COMUNICATIVA

IV	P	texto da interacção (transcrição) cod 1722	
1	X	nós, eu cheguei a ter turmas de 40 alunos	
2	A	ah	
3	X	quarenta e quarenta e cinco	
4	A	imenso	
5	X	eu cheguei a ter quarenta e cinco crianças, isso é que aqui realmente tínhamos menos, mas, mas no, outro aspecto tínhamos bastante facilidade, pelo meno é isso que eu digo eu não tenho ra(...), o que digo é aquilo realmente que acontecia comigo, eu não tive grandes dificuldades precisamente nesse aspecto, mas portanto a contar ainda das crianças, a sua maneira de ser a su(...), o seu à vontade e então eles estavam na sua aula, trabalhando, e, de repente ah... estava, pronto levantava-se um "senh(...)" eu vou falar mesmo como eles falavam porque eu já não sei hoje imitar bem mas naquela altura até os imitava bem	Pn0 Pn1 Pn2 Pn3
6	A	(risos)	Pn3
7	X	E eu... "só professora posso ir caga?"	Pn2 Pn3
8	A	(risos)	Pn3
9	X	e eu, e eu imediatamente "calma, não é assim que se diz, vamos explicar como é que se diz, a senhora professora sabe o que tu queres mas vais dizer assim, assim" e depois era outro "só professora, posso ir mijá?" "ir mijá?"	Pn2 Pn3
10	A	(risos)	Pn2 Pn3
11	X	mas mesmo assim, era assim tal e qual	Pn3
12	A	Exactamente	Pn3
13	X	pronto	
14	A	Espontâneos	
15	X	espontâneos, espontâneos e depois nós a partir daí então iam corrigindo	
16	A	exacto	
17	X	mas eram interessantíssimos, m(...) pronto e faladores dentro da sua maneira de falar interessante e depois iam-se aproximando de nós, depois iam gostando, eles gostavam muito da escola, adoravam a escola, gostavam, pronto, eu pelo menos, comigo eu tive sempre muito bom relacionamento com as crianças	Pn3

Macroproposição Pn0 – Resumo

Como foi referido, a Narrativa é introduzida no seio de uma intervenção mais longa, sendo a Sequência Narrativa iniciada com o Marcador Conversacional de Manutenção de Turno com valor topográfico⁵ – *mas, portanto* [5]. Segue-se o Anúncio⁶ do tema da Narrativa – *a contar ainda das crianças, a sua maneira de ser a su(...) o seu à vontade* [5] – introduzido por uma estratégia de Focalização metacomunicativa.

Macroproposição Pn1 – Orientação

A Narrativa propriamente dita é iniciada com o Marcador Conversacional Topográfico – *e então* [5] – que marca o início de um novo acto comunicativo, mais precisamente, da Orientação da Narrativa. Pn1, em si, é muito breve, referindo os Actores – *eles* (referente anafórico agramatical de *crianças*, talvez por interferência da forma lexical *alunos* em [1]), o Lugar – (a sala de) *aula* e a Situação Inicial – *estavam na sua sala de aula trabalhando*. O quadro situacional de arranque da Narrativa é apresentado descritivamente, recorrendo-se ao uso do Pretérito Imperfeito com um verbo de estado seguido do Gerúndio. Pelo seu valor aspectual de continuidade e duração, o Narratário é levado a aguardar uma acção que venha alterar este estado de coisas, alteração que é anunciada semanticamente pelo Sequenciador Narrativo – *e, de repente* [5] – que introduz a Intriga (Pn2).

Macroproposição Pn2 – Intriga

A Intriga é logo interrompida por uma hesitação do Narrador, acentuada pelo Marcador de Manutenção de Turno⁷ – *pronto* [5] – que vem introduzir a reformulação do discurso, marcada pela passagem de um verbo de estado para um verbo de acção. Há também que realçar a manutenção do Pretérito Imperfeito, apesar do localizador temporal – *e de repente* [5]. A opção pelo Imperfeito, especialmente no caso do verbo de acção *levantar-se* com os traços [+ dinâmico] e [+pontual] é claramente discursiva: pretende-se realçar o carácter habitual do evento narrado, subtraindo à responsabilidade do Narrador a escolha do episódio.

⁵ Segundo Rodrigues (1998:74) os Sinais Topográficos são usados para gerir a introdução, abandono ou retoma de um tema dentro de um turno, sendo frequentes entre mudanças de tópicos. “...os sinais topográficos linguísticos têm uma significação reduzida a nível semântico, contribuindo, independentemente da sua forma, para a estruturação da comunicação”. No exemplo do texto *mas portanto* introduz a retoma de um sub-tópico. No entanto, a sua principal função é assegurar a manutenção da vez evitando uma pausa vazia no final da asserção anterior.

⁶ O Anúncio corresponde a um tipo de focalização metacomunicativa que, como a própria palavra indica, anuncia quer um tema quer um planeamento de acção linguística (ver Rodrigues 1988: 80, 81 e 104, 105).

⁷ Entre as manifestações de hesitação, quer com função de evitar a Tomada de Turno pelo interlocutor, quer como estratégias de correcção, encontramos Marcadores de Hesitação que correspondem a Pausas Cheias preenchidas por elementos lexicais.

A Narrativa é interrompida para um Aparte que ao mesmo tempo funciona como Avaliação Externa⁸: – *eu vou falar mesmo como eles falavam porque eu já não sei hoje imitar bem mas naquela altura até os imitava bem*. Pela suspensão da acção o Narrador não só chama a atenção para o episódio que se segue como, num Trabalho de Face, precavê o insucesso da sua tentativa em reproduzir a realização fonética das falas dos personagens, servindo-se, para tal, de um Anúncio – *eu vou falar mesmo como eles falavam* [5]. A retoma da acção dá-se com a introdução do Nó da Narrativa no Discurso Directo – *e eu... "sô professora posso ir cagá?"* – uma retoma claramente avaliativa por parodiar a prosódia e sotaque dos alunos. O resultado é uma Avaliação do Narratário de acordo com a intenção humorística do enunciado.

Em [9], X prossegue o relato actualizando a história narrada pela encenação do episódio. Começa por introduzir elipticamente a sua própria fala e prossegue com uma Avaliação Interna do episódio pautada por duas Focalizações Sintácticas⁹ – *não é assim que se diz, vamos explicar como é que se diz*, [9] – seguidas de uma Desfocalização¹⁰ – *a senhora professora sabe o que tu queres mas vais dizer assim, assim*" [9]. Através do Sinal de Imprecisão *assim*, X afasta a atenção do Narratário do foco da frase, dada a sua irrelevância para a história.

Segue-se uma nova proposição introdutória do Discurso Directo, desta vez a fala de mais um aluno, que obedece ao mesmo esquema de construção da fala do primeiro – *"sô professora, posso ir mijá?" "ir mijá?"*. O recurso a este paralelismo põe em evidência o valor central de ambas as frases, já por si marcadas foneticamente.

Avaliação Pós-narrativa e macroproposição PnF – Coda

As Avaliações Pós-narrativas são, também elas, características de uma Narrativa Pessoal de cariz humorístico, na medida em que promovem um duplo Trabalho de Face por parte do Narrador:

(i) A preocupação com a credibilidade do que foi narrado, expressa no Enunciado de Veracidade¹¹ – *mas mesmo assim, era assim tal e qual* [11].

⁸ Considera-se Avaliação Externa todo o tipo de avaliação produzida a partir da situação de enunciação, por contraposição à Avaliação Interna que surge imbricada no próprio texto narrativo podendo resultar de comentários dos próprios actores. São exemplo do primeiro tipo de avaliação os apartes do narrador e do segundo tipo o recurso ao Discurso Directo para tornar actual o narrado.

⁹ Considera-se Focalização a orientação das actividades do ouvinte para o que vai ser dito a seguir. Para tal o falante pode recorrer a construções clivadas do tipo *ser + morfema Q*, que realizam uma Focalização Sintáctica.

¹⁰ A Desfocalização corresponde às estratégias usadas pelo falante com o intuito de desviar a atenção do ouvinte de determinadas informações ou temas que poderiam afastá-lo da orientação interpretativa que está a ser imprimida ao discurso.

¹¹ O conceito de Enunciado de Veracidade é desenvolvido por Bres (1994: 84 -91) e corresponde aos enunciados produzidos pelo narrador que têm por função atestar a veracidade do narrado.

(ii) A preocupação com a sua Face Positiva¹², minimizando a ironia sobre a maneira de falar dos alunos e realçando o seu bom relacionamento com eles – *mas eram interessantíssimos, m(...) pronto e faladores dentro da sua maneira de falar interessante e depois iam-se aproximando de nós, depois iam gostando, eles gostavam muito da escola, adoravam a escola, gostavam, pronto, eu pelo menos, comigo eu tive sempre muito bom relacionamento com as crianças* [17].

Com o Marcador Conversacional Final de Cedência de Turno – *pronto* [13] – X sinaliza o fim da Sequência Narrativa devolvendo o estatuto de co-enunciador ao Narratário.

Como referido anteriormente, realçar-se-ão agora (i) os aspectos mais relevantes na construção do Núcleo Narrativo, passando de seguida para (ii) os Elementos Avaliativos que promovem uma interpretação conforme à intenção humorística do narrado, incluindo os que buscam controlar possíveis efeitos colaterais do enunciado.

Núcleo Narrativo

Se o Enunciado Narrativo obedece a um esquema discursivo convencionalmente definido, a sua realização concreta está directamente relacionada com as intenções comunicativas do Narrador. No subtipo da Narrativa Humorística a Avaliação Final (Pn3) não é explicitada, mesmo que tal implique uma não explicitação do Resultado (Pn4) nos casos em que ambas as Macroproposições constituiriam uma só, como na presente Narrativa. Tal implica, como já referimos, uma construção económica e clara da Sequência Narrativa e uma marcação evidente dos elementos centrais para a sua interpretação. No exemplo em análise, há ainda que considerar que a Narrativa é marcadamente descritiva e orientada para uma avaliação dos episódios narrados. Estas características específicas levam-nos a realçar a manutenção do Pretérito Imperfeito do Indicativo nos elementos de introdução das falas das personagens, pois esta forma verbal permite perspectivar a situação do interior do próprio acontecimento linguístico em construção, permitindo exprimir valores de repetição e hábito. Ao mesmo tempo, pelo seu uso, o Narrador assume o papel de actor que asserta sobre aquilo que presencia, distanciando-se do momento da enunciação.

Na organização dos construtores do texto destacam-se os seguintes aspectos:

¹² Define-se Face como a imagem pública que um indivíduo tem de si próprio e que deseja que os outros reconheçam. Essa imagem pode ser questionada em termos de manutenção da sua identidade e liberdade pessoais e em termos de vinculação a um espaço social. No primeiro caso falamos de Face Negativa e no segundo de Face Positiva. Para um desenvolvimento destes conceitos ver Yule (1996:59-69).

- Pn0 surge no interior de um turno anunciando o propósito – *contar* – e o tema – *o à vontade das crianças* – da Sequência Narrativa que se segue. O Contrato Comunicacional não necessita de ser explicitado uma vez que é implícito à própria situação de comunicação. A distribuição de papéis dentro da entrevista permite a retomada de tópico e autoriza o locutor a iniciar uma Sequência Narrativa. Esta inicia-se com a referência a um acontecimento anterior ao momento da interação, não interpretável como um acto de fala completo, introduzido com um verbo de estado no Imperfeito seguido do Gerúndio:

Pn1 – [5] ...*e então eles estavam na sua aula, trabalhando...*

- O *Nó* da Narrativa é introduzido no Discurso Directo:

Pn2 – [5] ... *e, de repente ah... estava, pronto levantava-se um “senh(...)”*

Pn2 – [7] *e eu... “sô professora posso ir cagá?”*

- A Macroproposição Pn2 é construída alternando o Pretérito Imperfeito na apresentação da situação com o Presente do Indicativo no Discurso Directo. A manutenção desta construção acentua o paralelismo das frases-chave da história, já marcadas foneticamente.

Pn2 – [7] ... *“sô professora posso ir cagá?”*

Pn2 – [9] ... *“sô professora, posso ir mijá?” “ir mijá?”*

- Em Pn1 e Pn2 podemos identificar os Sequenciadores Narrativos com uma função destacada na construção da Narrativa por serem responsáveis pela ancoragem temporal do narrado: Pn1 – [5] *e então* ; Pn2 – [5] *e de repente*; Pn2 – [9] *e eu imediatamente*; Pn2 – [9] *e depois*.

- As estratégias de narração referidas (uso do Discurso Directo, paralelismo das frases-chave, contraste entre o uso do Pretérito Imperfeito do Indicativo na descrição da cena e o uso do Presente do Indicativo nas falas das personagens) são tão mais importantes quanto asseguram uma interpretação global da Narrativa num subtipo de narração que, formalmente, abdica da explicitação da Resolução da Avaliação Final, entregando-as ao Narratário.

Avaliação:

Ao nível da avaliação encontramos diferentes estratégias para a sua realização:

- **Focalização**

Focalização por Anúncios ou Actos Conversacionais Metacomunicativos: o Narrador realça quer o tema quer o modo do acto comunicativo seguinte.

Pn0 – [5] *a contar ainda de*

Pn3 – [5] *eu vou falar mesmo como eles falavam*

Focalização Semântica: o Narrador recorre a um marcador na posição de adjunto à esquerda para colocar o foco em posição de destaque¹³

Pn3 – [5] *eu já não sei hoje imitar bem mas naquela altura até os imitava bem*

Neste caso, *até* tem a função de destacar uma asserção que pretende anular o comentário anterior.

• **Desfocalização:**

Por contraposição com a Focalização, o Narrador serve-se de *Sinais de Imprecisão* para afastar a atenção do Narratário do Foco. No exemplo do texto há uma óbvia preocupação em não saturar a fala da personagem com informações que poderiam levar a um não reconhecimento do segundo elemento-chave da Narrativa humorística, introduzido logo a seguir.

Pn2 – [9] *...a senhora professora sabe o que tu queres mas vais dizer assim, assim*

• **Uso de Intensificadores**

Dado surgirem quer em Avaliações Externas quer em Pós-avaliações, os Intensificadores estão directamente ligados ao Trabalho de Face do Narrador. Com eles pretende confirmar a autenticidade do texto narrado e salvar a sua Face Positiva. A inexistência de outros Intensificadores no corpo da Narrativa confirma um uso discursivamente marcado.

Quadro 2: Quadro dos Intensificadores

Superlativização	Pn3 – [17]	<i>mas eram <u>interessantíssimos</u> ...</i>
Adverbiais	Pn3 – [5]	<i>eu vou falar <u>mesmo</u> como eles falavam porque eu <u>já</u> não sei hoje imitar <u>bem</u> mas naquela altura até os imitava <u>bem</u></i>
	Pn3 – [11]	<i>mas <u>mesmo assim</u>, era <u>assim tal e qual</u></i>
	Pn3 – [17]	<i>....eles gostavam <u>muito</u> da escola ...</i>
Repetição de Itens Lexicais	Pn3 – [16]	<i>espontâneos, espontâneos</i>

¹³ Cfr. Rodrigues (1998:75), Mateus *et alii* (1989:234)

Repetição de Estruturas		
- com o valor de enfatizar o enunciado	Pn2 – [5] Pn2 – [7]	" <i>sô professora posso ir cagá?</i> " " <i>sô professora posso ir mijá?</i> "
- com o valor de precisar o enunciado	Pn2 – [9] Pn0 – [5]	"... não é assim <u>que se diz</u> , vamos explicar como <u>é que se diz</u> ..." ... a contar ainda das crianças, <u>a sua</u> maneira de ser <u>o seu</u> à vontade...
Repetição de Ideias	Pn3 – [11]	<i>mas mesmo assim, era assim tal e qual</i>
- com valor de enfatizar o enunciado		
Gradação do Valor Lexical do Verbo + Marcação Aspectual Imperfectiva	Pn3 – [17]	... e depois iam-se aproximando de nós, depois <u>iam gostando</u> , eles <u>gostavam muito</u> da escola, <u>adoravam</u> a escola, <u>gostavam, pronto</u>

• Avaliação pela Suspensão Explícita da Acção

Ao fazer uma autoavaliação da sua capacidade em reproduzir foneticamente um acto de fala das personagens, o Narrador interrompe a acção criando um *suspense* quanto ao elemento central da ironia.

Pn3 – 5 *eu vou falar mesmo como eles falavam porque eu já não sei hoje imitar bem mas naquela altura até os imitava bem*

Conclusões:

Os resultados da análise permitem caracterizar as realizações dos falantes em função do co-texto em que se situam, do género textual em que se surgem e do contexto situacional e sociocultural em que se enquadram. A possibilidade de realisar, a todo o momento, este movimento de enfoque não só vai de encontro à complexidade do objecto de estudo Língua como avança uma perspectiva trabalho linguístico voltado para a descoberta e crescente tomada de consciência do seu uso.

Da análise de um conjunto de 14 narrativas orais informais, recolhido no *corpus* de Língua Falada do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, podemos confirmar a recorrência da maioria dos aspectos realçados. Assim, em narrativas pessoais de episódios vivenciados pelo narrador é possível identificar um esquema discursivo convencionalmente definido, constituído por macroproposições que desempenham funções quer sequenciais quer avaliativas. As macroproposições avaliativas asseguram a passagem entre o mundo da narrativa e a situação de interacção e desempenham funções quer de regulamento conversacional [Pn0, PnF] quer discursiva. A identificação dos módulos constitutivos do enunciado narrativo com fases da sua produção não implica um modelo único de organização sequencial dos mesmos. A realização concreta da sequência narrativa está directamente relacionada com as intenções comunicativas do narrador e com as opções linguísticas e paralinguísticas com que constrói e organiza os módulos do seu texto e conduz a sua interpretação global.

Quanto aos elementos levantados na construção das diferentes macroproposições, são de destacar, pela sua frequência no *corpus*, fenómenos como: O contraste entre primeiro e segundo plano narrativos e a importância que o aspecto verbal adquire na sua construção; A facilidade com que o narrador passa de uma forma verbal para outra dentro do mesmo enunciado, ocorrência que se explica, na maioria dos casos, localmente; O recurso ao Discurso Directo em momentos-chave da narrativa, especialmente para introduzir o Nó que despoleta a acção; A recorrência de fenómenos de focalização metacomunicativos, sintácticos e lexicais bem como de Intensificadores na avaliação; A importância que os Marcadores Conversacionais adquirem na organização da conversação, quer gerindo as tomadas de vez quer marcando a sua orientação temática.

Uma observação final: Por integrarem e contextualizarem os diferentes aspectos da comunicação e trazerem em si o desafio da autenticidade e da (re)descoberta da língua, somos da opinião que uma didáctica de Português como Língua Não-Materna deve considerar este e outros géneros discursivos presentes em Interações Oraís como potenciais instrumentos e objectos de trabalho.

Bibliografia

- Adam, Jean-Michel (1985): *Le Texte Narratif*, Éditions F. Nathan
 Bres, Jacques (1994): *La Narrativité*, Louvain-la-Neuve: Éditions Duculot
 Carter, R. & McCarthy, M. (1994): *Language as Discourse. Perspectives for Language Teaching*, New York: Longman
Certificado de Português, Objectivos de Aprendizagem e Teste-Modelo (1999), Frankfurt am Main: Weiterbildungs-Testsysteme GmbH
 Labov, William (1972): *Language in the Inner City*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press
 Marcuschi, L. A. (1991): *A Análise da Conversação*, São Paulo: Ática

- Marcuschi, L. A. (1996): "A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual" in: Koch., I. (org.) (1996): *Gramática do Português Falado*, Campinas: Unicamp, S. 95-129
- Mateus, M. H. et alii (1989): *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho
- McCarthy, M.(1997): *Spoken Language and Applied Linguistics*, Cambridge: CUP
- Nascimento, F.; M. L. Marques & M. L. Cruz (eds.) (1984 e 1987): *Português Fundamental*, Vol. I, Tomo I: *Vocabulário* (1984); Volume II: *Método e Documentos*, Tomo I: *Inquérito de Frequência*, Tomo II: *Inquérito de Disponibilidade*, Lisboa: LN.LC./C.L.U.L.
- Rodrigues, Isabel (1998): *Sinais Conversacionais de Alternância de Vez*, Porto: Granito Editores e Livreiros
- Sousa, O. (2000): *O Imperfeito num Corpus de Aquisição*, Tese de Doutoramento apresentada na Universidade Nova de Lisboa, versão dactilografada
- Widdowson, H. G. (1990): *Aspects of Language Teaching*, Oxford: O.U.P.
- Yule, G.(1996): *Pragmatics*, Oxford: O.U.P.